

25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil

PET SOUNDS – AS BICHINHAS NA PRAIA DOS BEACH BOYS: A HOMOSSEXUALIDADE NA TELENVELA TRÊS IRMÃS¹

Tiago dos Santos de Sant'Ana²

Resumo

O texto analisa a representação da homossexualidade na telenovela brasileira *Três irmãs*. O trabalho integra uma pesquisa maior, que tem como objetivo analisar a representação das personagens LGBTTT nas telenovelas da Rede Globo e no teatro baiano. Com os resultados das análises obtidos, a proposta é discutir sugestões de políticas culturais de respeito à diversidade sexual. A homossexualidade em *Três irmãs* é vivenciada nos personagens Adamastor e Nelson – e acreditamos que o tratamento dado a eles reduplica os preconceitos e a homofobia. Este artigo tem embasamento teórico em estudos culturais e, em especial, na teoria *queer*.

Palavras-chave: Homossexualidade – Telenovela – Teoria *queer* – *Três irmãs*

Introdução

Segundo Peret (2005), a primeira representação de personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo foi em 1974, na trama *Rebu*. Dessa década até a atualidade, personagens não-heterossexuais vêm sendo colocados em novelas da emissora. Colling (2007), ao pesquisar sobre esses produtos, percebeu que, primeiramente, a personalidade desses/as personagens estava ligada à criminalidade, depois à *afetação*, e, nos últimos dez anos, à heteronormatividade.

Analisar e perceber como essas representações são feitas nas telenovelas da Rede Globo é o objetivo do grupo CUS (Cultura e Sexualidade) – integrante do CULT (Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura). A proposta do grupo é, através da análise das representações, discutir propostas políticas públicas voltadas para o respeito à diversidade sexual.

¹ Este trabalho foi aceito para apresentação e publicação no 7 ENUDS – Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual. Porém, não foi apresentado no evento, apesar de ter seu resumo publicado no Cadernos de Resumos 7 ENUDS.

² Graduando do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). É integrante do grupo de pesquisa Corpo e Cultura – em que integra a linha Corpo e Política, coordenada pelo Prof. Dr. Osmundo Pinho. Email: chip_soad@hotmail.com

Uma metodologia foi criada por Colling (2008) para melhor analisar e comparar as representações nas telenovelas. Essa metodologia é uma atualização dos estudos feitos por Moreno (2001) e Peret (2005). O que a diferencia dos estudos anteriores é a utilização da teoria *queer*, além da consideração de que nem todos os personagens homossexuais que tem representação considerada como “estereotipada” contribuem para o aumento dos preconceitos e da homofobia.

Algumas concepções teóricas

Falar em representações é pensar em identidade. Para essa discussão são interessantes as discussões de Hall (2006) sobre os problemas de identidade. O teórico esmiúça as concepções de identidade desde o Iluminismo, passando pelo sujeito sociológico e, por fim, o indivíduo fragmentado da pós-modernidade.

Hall nos traz uma questão cara para a concepção de indivíduo na pós-modernidade: o sujeito que antes tinha uma identidade estável, está se tornando fragmentado; ele não tem mais uma só identidade, mas sim várias. E, vale ressaltar, que elas nem sempre são consonantes e às vezes se mostram contraditórias. E essas são características do sujeito pós-moderno – sem essência e fixidez.

A partir disso, pode-se falar que a identidade é construída culturalmente e não biologicamente; o sujeito não é mais um *eu coerente*; contradições identitárias pulsam dentro de nós, fazendo com que ocorram *identificações* que estão sempre cambiando.

Hall, então, chama atenção para cinco aspectos que contribuíram para a descentralização do sujeito que resultaram na fragmentação das identidades. Primeiro Hall (2006, p. 34) chama atenção para os pensamentos de Althusser, um teórico marxista estruturalista que afirmou que a obra de Marx desconstruiu a noção de uma essência comum do homem ao eleger as relações sociais como objeto de apoio de sua teoria e não um conceito de auto-suficiência humana. Althusser, baseado em idéias marxistas, afirmava que o indivíduo é influenciado pelas estruturas a qual ele está submetido e, portanto, não tinha qualquer noção de *agência individual*.

O segundo fator que Hall (Op. Cit, p. 36) enumera como influenciador da fragmentação das identidades é a descoberta do inconsciente por Freud. Essa constatação destruiu com a noção de racionalidade do sujeito, pois a teoria freudiana afirma que as identidades, a sexualidade e nossos desejos são engendrados por processos psíquicos e simbólicos processados no inconsciente. Após as leituras de Freud feitas por Lacan, chegou-se a ideia de que a identidade é algo formado ao longo do tempo e não um processo datado ou formado por um determinado período.

Após isso, Hall aponta o trabalho do lingüista Ferdinand de Saussure como outro fator do descentramento identitário. Saussure afirmava que o sujeito é inserido dentro de uma comunidade que já tem um sistema língua e, portanto, o sujeito não teria como ter uma fala soberana e somente sua. O quarto descentramento diz respeito a obra de Michel Foucault. Hall diz que a concepção foucaultiana de poder disciplinar mantém os indivíduos sob controle e disciplina.

O quinto e último ponto enumerado é a emergência e o impacto do feminismo. Hall (Op. Ct., p. 44) destaca que tanto a crítica teórica quanto o movimento social feminista contribuíram para o descentramento do conceito de sujeito. Ele afirma que o feminismo embaralhou a distinção entre *público* e *privado*, além de questionar o conceito de “Humanidade” – baseado no discurso de que homens e mulheres eram diferentes sexualmente.

Diante do que foi exposto, chega-se na concepção de indivíduo descentralizado. Então, devemos pensar também nas políticas de representação dessas identidades fragmentadas. Quando Hall afirma que “a identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturas que nos rodeiam” (op. Cit., p. 13), atribui ao papel da representação uma função de também influenciar na formação de identidades e identificações.

Woodward (2009) dá lugar à discussão que tange a identidade e a representação. Ela destaca o fato de que devemos focar a atenção no fato das identidades produzidas pelo sistema de representação. Segundo Woodward (2009, p. 17), “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos”. Nesse sentido, podemos pensar que os significados produzidos pela representação dão sentido àquilo que somos, pois vemos no que é mostrado uma imagem do que *sou* ou do que *não sou*. A autora sugere ainda que os sistemas simbólicos tornam possível o que podemos nos tornar.

Alçado nas discussões de Hall e Woodward, Tadeu da Silva (2009) afirma que a representação é sempre uma *marca* ou *traço visível*, rebatendo a concepção de representação mental e interior. Assim, a expressão através da pintura, da fotografia, do filme, de um texto, de uma expressão falada pode também ser representação.

Silva (2009, p. 91) traz um pensamento *mister* quando pensamos em sistemas simbólicos e relações de poderão afirmar que

a representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema lingüístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder.

[...] Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade.

Diante disso, podemos pensar no regime de poder que é propagado com as representações e as narrativas - proliferadas por meio de discurso. Em seguida, analisamos a telenovela *Três irmãs*. Os trechos em negrito correspondem aos aspectos da metodologia que vem sendo utilizada pelo CUS.

Análise

Dados gerais do produto

Título: *Três irmãs*

Autor: Antônio Calmon

Direção: [José Luiz Villamarim](#) e [Dennis Carvalho](#)

Elenco principal: Claudia Abreu (Dora Jequitibá), Giovanna Antonelli (Alma Jequitibá), Carolina Dieckman (Suzana Jequitibá), Marcos Palmeira (Bento Rio Preto), Rodrigo Hilbert (Greg – Gregório de Matos), Paulo Vilhena (Eros Pascolli), Vera Holtz (Violeta Águila) e Ana Rosa. (Virgínia Jequitibá)

Elenco próximo ao tema da homossexualidade: Aloísio de Abreu (Nelson Santana), Carlos Loffler (Adamastor Pamplona), Malu Valle (Neuza), Beth Goulart (Leonora) Antônia Frering (Sylvie L'Éclair)

Tempo de exibição: 15 de setembro de 2008 a 10 de abril de 2009. Foram exibidos 179 capítulos com duração de 60 minutos às 19h15min.

Resumo do enredo: A trama central de *Três irmãs* gira em torno de Dora, Alma e Suzana Jequitibá – três irmãs que unidas lutam por seus ideais e por melhorias na cidade de Caramirim. Elas moram com sua mãe, Virgínia – que combate a hegemonia ameaçadora da vilã Violeta Águila. Aliado a isso, as três irmãs buscam sua felicidade ao lado de seus amores: Bento, Eros e Greg. Como pano de fundo da trama, a cidade de Caramirim e a Praia Azul – que dá o tom praieiro e surfista à novela.

A temática da homossexualidade é vivenciada nos personagens Adamastor Pamplona e Nelson Santana. Adamastor chega à Caramirim para mudar o visual da vilã Violeta – que quer passar uma imagem de docilidade e complacência à população da cidade, já que ela se candidatara à prefeitura da cidade. O *personal stylist* sempre conversa ao telefone com alguém

que lhe auxilia e que chegará na cidade em breve. Ele também revela a sua vontade de abrir um negócio em Caramirim – onde permaneceria após a *repaginação* de Violeta.

Tempos depois, Nelson - antigo prefeito da cidade - revela-se como o companheiro de Adamastor ao chegar na cidade. A sua aparição foi uma surpresa para todos os munícipes. Ele era casado com Neuza e tinha dois filhos com ela. Apesar de ela amá-lo e de ser uma mulher dedicada à família, o ex-prefeito a trai com Leonora e por isso foge de Caramirim. Nelson chega transformado, com um visual diferente e também com uma profissão diferente: cabeleireiro.

Adamastor faz um coquetel para o lançamento do projeto do seu centro de estética, para euforia de Nelson – que o ajudará com suas técnicas de e seu poder administrativo. Na festa, Nelson reencontra amigos antigos, como Violeta e sua ex-mulher, Neuza. Ele reconhece que agiu mal, que mudou e, emocionado, pede desculpas e tenta se reconciliar com Neuza e com seus filhos. Nelson também vai conversar com sua amante, Leonora. Ele diz que errou e que pretende assumir o filho que tiveram juntos – apesar disso, Leonora não o perdoa.

O centro de estética é inaugurado. Nelson é procurado por Francisco Polidoro (Othon Bastos) – delegado de Caramirim – para tratar de assuntos do passado. Nesse encontro, o ex-prefeito fala sobre seu contato antigo com Violeta e Excelência (John Herbert) – vilões da trama – e o temor de revelar segredos sobre eles. Depois dessa conversa, a vilã procura Nelson e lhe cobra fidelidade como uma forma de ameaça ao ex-prefeito. Enquanto seu companheiro resolve problemas antigos, Adamastor é contratado por Baby Montenegro (Cássio Gabus Mendes) para ensinar samba à Violeta.

Nélson e Adamastor começam a receber ameaças de morte – isso porque o ex-prefeito sabe sobre assuntos comprometedores de Excelência e Violeta.

Para se reconciliar com Leonora, o ex-prefeito paga as contas do hotel do qual ela é dona. Ela agradece-o pelo ato generoso e os dois fazem as pazes.

Sylvie L'Éclair – uma atriz francesa que tinha feito um filme em Caramirim e que voltou para a cidade após anos – começa a andar com Adamastor. Ela revela para ele que Nélson é um homem agradável e simpático. Com o passar do tempo e a convivência com os dois, Sylvie se declara para Nélson e Adamastor, escondido, vê o diálogo dos dois. O *personal stylist* fica enraivado, mas não fala nada aos dois.

A atriz francesa cada dia mais fica mais próxima dos dois. Nélson chega até a se arriscar no mar ao surfar com uma prancha dada por Sylvie. Ela é alertada que o ex-prefeito é gay, mas afirma que é tudo encenação. A atriz francesa começa a se insinuar mais acentuadamente para Nélson e ele continua se esquivando. Adamastor afirma que o cabelereiro *não tem jeito*.

No tempo em que era prefeito de Caramirim, Néelson, juntamente com Violeta, tinha desviado muito dinheiro da prefeitura. Sabendo disso, Adamastor aconselha o seu companheiro à recuperar a quantia da casa da vilã. O *personal stylist* decide por conta própria procurar o dinheiro e vai na mansão de Violeta Áquila procurar o seu cofre. Chegando lá, ele encontra documentos que comprometem ainda mais a atual prefeita de Caramirim. Dias depois, Néelson e Adamastor vasculham a casa de Violeta. Mas, não acham nenhum dinheiro lá.

Após isso, os dois elaboram um plano para voltar ao prédio atrás da fortuna da vilã e, quando estavam fazendo isso, Sylvie os flagra. Inicialmente, os dois relutam para aceitá-la na execução do plano, mas a atriz prova que também pode participar do assalto. Sylvie então propõe que os três sejam sócios no assalto à fortuna de Violeta.

Num jantar na casa de Violeta Áquila, o plano é executado e a fortuna da vilã é roubada. Sylvie guarda o ouro encontrado no cofre e os três decidem fugir sem deixar nenhuma pista. Os três vão para a casa de Excelência, no Rio de Janeiro. Quando chegam lá, Baby, Dora e Walkíria (Maitê Proença) estão lá na casa – curtindo férias na capital carioca. Néelson entrega a Baby uma carta reveladora que estava junto com as barras de ouro.

Walkíria rouba todas as barras de ouro de Adamastor, Néelson e Sylvie e eles ficam inconformados. A fortuna é entregue à prefeitura de Caramirim – que agora está sob a administração de outro grupo político. Os três arrumam as malas e vão embora do Rio de Janeiro. Adamastor volta para Caramirim enquanto Sylvie e Néelson viajam juntos – sendo proposta uma relação heterossexual entre os dois.

Aspectos fixos dos personagens homossexuais:

“Posição do personagem no enredo: se é principal, coadjuvante, se faz ponta, figuração, citada ou recorrida.” (Moreno, 2001:167).

Adamastor e Nelson são coadjuvantes. O primeiro por estar associado à Violeta Áquila – que faz parte do núcleo principal da novela – e o segundo por ter sido prefeito de Caramirim e reaparecer repentinamente na cidade. Além disso, os personagens ganharam destaque por ter o objetivo de alavancar a audiência da novela trazendo um *relacionamento gay*. Adamastor entra na trama de *Três irmãos* já no decorrer da novela, mais especificamente no dia 21 de janeiro de 2009. Já Nelson, reaparece no dia 31 de janeiro.

“Contexto social do personagem: a que classe ele pertence” (Moreno, 2001:167):

Adamastor pertencia à classe alta, enquanto Nelson a classe média. Adamastor se vestia com requinte e luxo, além de dizer que tinha sangue azul. Já Nelson, era prefeito e tinha uma vida estável. Ao voltar para Caramirim, tornou-se cabeleireiro.

Cor: Ambos são brancos.

Profissão: Nelson era prefeito e depois da sua suposta *transformação* tornou-se cabeleireiro. Adamastor desempenhava a função [personal stylist](#) e dono de um centro de estética.

Aspectos da linguagem utilizada e da composição geral do personagem:

Tipos de gestualidade:

- 1)Estereotipada, com gestual explícito que caracteriza de forma debochada e desrespeitosa a personagem homossexual, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo e bissexual;**
- 2)Gestualidade típica de alguns sujeitos *queer*, especialmente os adeptos de um comportamento/estética *camp*;**
- 3)Não estereotipada (gestual considerado “normal” e “natural”, sem indicação de que é homossexual, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo ou bissexual; inscrito dentro de um comportamento heterossexual);**

Adamastor tinha gestos excessivos, balanços de cabeça constantes, além de abusar de tiques nervosos e das mãos na cintura. Sapateava quanto estava irritado e sempre mantinha a pose de uma pessoa que obedecia a etiqueta. Apesar disso, o personagem não chega a ter uma gestualidade *camp* – pautada na artificialidade e no exagero. E também não chega a gozar de uma transitoriedade gestual, que flertaria com o *queer*.

No início da trama, Nelson era um homem sóbrio e másculo. Tinha uma gestualidade pautada no modelo *inventado* para os homens heterossexuais. Já na segunda fase, era sensível e delicado ao abordar as pessoas. Tinha também seus momentos com gestos excessivos com as mãos e a cabeça. Logo quando o personagem reaparece na trama, uma cena foi composta com Adamastor mandando-o ter uma gestualidade e uma fala mais discreta devido ao conservadorismo da sua família.

A maneira como Adamastor se comportava era claramente debochada e baseada no estereótipo da *bicha louca* fútil e fina – desse modo, o item 1 é o que mais corresponde ao personagem. Já Nelson pode ser associado a uma gestualidade *queer* – devido ao grau de estranheza que provocou nas pessoas ao voltar para Caramirim. E também por oscilar da gestualidade afetada para uma mais associada à *normalidade*.

“Subgestualidade: compreende o vestuário, maquiagem e adereços utilizados/usados pela personagem” (Moreno, 2001:167):

Os personagens estavam sempre bem vestidos. Como lidavam com a imagem de outras pessoas, também tinham apreço pela sua. Adamastor usava roupas chiques. Calças sociais, camisas de mangas três quartos brancas, coletes, botas de bico fino, além de seus típicos óculos de sol pendurados na camisa. Como acessórios, abusava de anéis, gargantilhas, pulseiras prateadas e objetos de couro preto. Deixava os cabelos sempre penteados, com corte chanel e franja.

No início da novela, Nelson usava, basicamente, roupas formais - como paletó e gravata -, devido a seu cargo de prefeito na cidade. Depois da reaparição, abusava das camisas de gola “V” bem cavadas e de calças jeans coladas ao corpo. Seus cabelos ficaram mais claros e penteado de forma mais livre. Pulseiras e anéis prata não faltavam no seu vestuário.

Esse tópico nos revela um dado interessante para se pensar a aparência dos personagens. A mudança no vestuário de Nelson nos indica também para a mudança de sua personalidade e de sua *identificação*. Além disso, podemos perceber que existe um senso comum do vestuário homossexual, pautado no excesso dos acessórios, sobretudo, prateado. Além da evidente preocupação com a beleza e com as últimas dicas da moda. Nesse sentido, que corroboramos com Le Breton quando ele afirma que

[...] a ação da aparência coloca o ator sob o olhar apreciativo do outro e, principalmente, na tabela do preconceito que o fixa de antemão numa categoria social ou moral conforme o aspecto ou o detalhe da vestimenta, conforme também a forma do corpo ou do rosto. Os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformaram naturalmente em estigmas [...]. (LE BRETON, 2007, p. 78).

Logo, quando se tem que deixar claro rapidamente que o personagem da novela é homossexual, os autores recorrem aos acessórios e vestimentas que em si já são estereotipados como pertencentes àquele grupo social.

Análise de seqüências: “É um recurso para detalhar mais as ações de um filme (em nosso caso a telenovela) e explicitar o seu conteúdo de forma minuciosa, como diante de uma lente de aumento.” (Moreno, 2001:168):

Nelson: Fantástico, Dandan! Tudo de bom! Simplesmente, amei.

Adamastor: Nelson, pelo menos agora, nada de Dandan, viu?! Adamastor basta! Não ame simplesmente nada, goste, aprecie e pronto. Agora repita comigo *(falando com voz grossa)*: Ficou muito bom, Adamastor. Gostei pra caramba.

Nelson repete com voz empostada e de braços cruzados.

N: Ficou muito bom, Adamastor. Gostei pra caramba!

A: Tá bom. Isso aí. Ótimo! Sabe, eu conheci sua família aos poucos, são pessoas ótimas, mas são muito convencionais. Podem tomar um susto de te ver assim, livre, leve e solto. Pode provocar o maior impacto, você sabe, né?!

(Adamastor solta risinhos e põe a mão na cintura)

(Com cara de repúdio e balançando os ombros, Nelson responde:

- Não tô nem aí, Dandan. *(Nelson vira-se para um banquinho que está atrás de si)*

N: Gente, esse cantinho aqui ficou *óóóótimo!* Ah, você fez para mim, né, Dandan? É minha cara! Olha! *(Cheira um objeto de madeira)* Tudo de bom!

(apontando para o lado esquerdo) Acho que aqui eu vou botar um Krishna.

(apontando para o centro) Aqui um Ganesha.

(olhando para o lado direito) E aqui um retrato da Angelina Jolie. Ah, Dandan. Eu fiquei pensando no ônibus. A gente bem que podia adotar, né, umas crianças africanas, sei lá, iraquianas, da Chechênia. Ia ser tudo de bom. A Natália já tem o Gugu, a Eleonora vai ser mãe de novo. Já pensou a gente ter uma menina também?

(Adamastor, atrás de Nelson, com as mãos na cintura, faz cara séria)

Eu ia chamar ela de Beyoncé Santana Pamplona.

(Nelson vira-se e olha para Adamastor)

O que você acha?

(Adamastor parte para cima de Nelson e pega em seu pescoço com as duas mãos, apertando)

A: Nelson, fecha o bico um instante. Me escuta! Em um minuto nós vamos encarar um coquetel na casa da Violeta Áquila. A sua presença vai ser um escândalo. Mas, você vai segurar essa franga. Nem que eu tenha que gastar 10 litros de cola ou eu não me chamo Amadastor Pamplona. Entendido?

N: Entendido, Dandan.

(Adamastor aperta mais forte o pescoço de Nelson)

A: Entendido, Adamastor.

(Adamastor passa a mão no rosto de Nelson como um gesto de carinho)

Essa cena é muito interessante para pensar a questão da construção dos gêneros. De maneira debochada, Nelson e Adamastor – apesar de não ser essa a intenção da construção da cena – explicitam que tanto a homossexualidade quanto à heterossexualidade são construídas.

O discurso heteronormativo se diz legítimo devido à naturalidade do sexo. Nesse sentido, um indivíduo que nasceu com pênis supostamente teria que ter relações sexuais com mulheres, desejá-las e ter uma postura exclusivamente masculina. A homossexualidade ficaria no campo do anormal, do abjeto – daquilo cuja materialidade é considerada como não importante. (PRINS; MEIJER, 2002)

Porém, como afirma Bento (2006, p. 2),

a heterossexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, inscreve-se reiteradamente através de operações constantes de repetição e de re-citação dos códigos socialmente investidos como naturais.

Além disso, os personagens homossexuais, ao falarem com voz grossa, com postura convencionada aos homens heterossexuais, burlam uma ordem social e parodiam a heterossexualidade. Eles estandardizam que heterossexuais também se exibem e se constroem para *performarem* o seu gênero.

Para além dessas questões, deve-se considerar aqui que os estereótipos também são propagados na cena. A própria vinculação do gay – quando se quer que logo saibam de sua homossexualidade – às coisas que giram em torno da moda, da beleza, da estética é um sinal claro disso.

A fala e a gestualidade de ambos dão vazão à clara tentativa do autor da novela de alavancar audiência com personagens engraçados e debochados. A própria vinculação dos gays a ícones hollywoodianos – como Angelina Jolie – e a cantoras pop – como Beyonce, deixa claro isso. Ambas são consideradas divas pela cultura gay no mundo inteiro, suas atitudes são

invejadas por vários homossexuais da *high society* e também por aqueles que pertencem às classes sociais mais baixas.

Características gerais da personalidade do personagem: criminoso, violento, psicopata, saudável, calmo etc.:

Os personagens, no decorrer da novela, se mostram educados e pautam suas condutas nas regras de etiqueta. Porém, percebemos que a fuga de Nelson, de Caramirim, na primeira fase da novela, está associada aos desvios de verbas públicas. E também no final da novela, Adamastor, Nelson e Sylvie L'Eclair tramam um assalto na casa de Violeta Áquila. Portanto, para além da sensibilidade sentimental de Nelson e da sagacidade de Adamastor, existe uma vinculação dos personagens ao crime e à corrupção.

É interessante ressaltar que os primeiros personagens homossexuais da televisão brasileira, na década de 70, também estavam diretamente vinculados com a criminalidade. (COLLING, 2007)

Aspectos sobre a sexualidade do personagem

Personagem se apresenta (assume verbalmente) como: gay, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo, bissexual:

Desde a primeira aparição, Adamastor Pamplona tem gestualidade e atitudes convencionadas à homossexualidade dita estereotipada. Com frases insinuativas, tiques nervosos e frases feitas, fica logo clara a orientação sexual da personagem. Mas, ele não chega a falar que é homossexual.

A volta de Nelson à Caramirim também é trabalhada de modo que fique clara a sua suposta *transformação*. A primeira cena de Nelson na sua segunda fase em *Três irmãs* é trabalhada com humor e o associa imediatamente à Adamastor. Logo nessa passagem, é proposta uma relação no mínimo de amizade entre os dois. Ambos se abraçam sob o olhar das duas ex-mulheres de Nelson. Metaforicamente, essa cena poderia ser interpretada como a rejeição do personagem por mulheres e o apreço pelas relações com os homens.

Em conversa com as suas ex-mulheres e com os amigos antigos, Nelson afirma que mudou, mas também não diz que é homossexual abertamente.

Em que ponto da narrativa fica claro que o personagem é homossexual, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo, bissexual?

A partir do momento em que Adamastor coloca para fora do táxi os pés calçados por botas de bico fino, tira o óculos do rosto e suspira o nome da cidade, já fica sugerida a sua homossexualidade. E isso ocorreu na primeira participação do personagem na novela.

Na volta de Nelson, como escrito anteriormente, também fica logo explícita a sua homossexualidade. Seja pela mudança dos seus trajes, a cor dos seus cabelos ou pelos gestos exagerados.

Como se dá a performatividade de gênero? Que normas ou conjunto de normas o personagem reitera e/ou reforça?

Austin (apud SILVA, 2009) desenvolve a teoria dos atos da fala baseado na idéia de que a linguagem não se limita somente a descrever situações, ações ou estados. Ao falar: “o teclado é preto” estamos enunciando algo, então, essa fala é *descritiva* ou *constatativa*. Mas, a fala não se limita somente a isso, ela também pode fazer com que alguma coisa seja executada. A esse tipo de proposição ou fala, Austin denomina “performativa”. Ao enunciar “eu vos declaro marido e mulher” uma gama de valores e de atitudes são *faladas* juntamente com essa expressão. Após proferida, o casamento é *efetivado*. Aliado a essas categorias de descrição e efetivação, poderíamos também pensar em falas que descrevem, mas que alteram, de alguma forma, o contexto enunciado. Ou seja, a repetição ritualizada de expressões descritivas pode acabar gerando um fato propriamente dito. Quando é dito: “Pedro parece uma *bicha!*”, a descrição pode gerar uma execução do fato. Ou seja, a nomeação de determinado grupo, reforça e define aquela identidade.

Nesse último contexto se insere o trabalho da filósofa e teórica *queer* Judith Butler. Na sua *teoria da performatividade*, Butler se aproxima da questão do gênero e da sexualidade. Ela tenta explicar como a repetição ritualizada dos discursos e das normas forma sujeitos que são resultados dessas reiterações. A ideia é expandida para as pessoas que transgridem as normas sociais quando a teórica afirma que quem não se encaixa dentro de modelos de sexualidade engendrados, enraizados e naturalizados pela sociedade, sofrem graves regulações. Mas, Butler (2001) diz que os corpos nunca se conformam completamente às normas regulatórias, e essa regulação se dá para que seja mantida a ordem sexual baseada na heteronormatividade.

A heteronormatividade é baseada nas expectativas e obrigações sociais advindas da ideia de que a heterossexualidade é natural, logo, o *fundamento da sociedade* (MISKOLCI, 2007). Já que obedece a uma lógica de regulação e controle, a heteronormatividade se estende até mesmo para os indivíduos que não são heterossexuais. Como explicita Miskolci (2007, p. 5)

As formas de definir a si mesmo de várias culturas sexuais não-hegemônicas seguem a heteronormatividade, o que é patente na diáde ativo/passivo dos gays, a qual toma como referência a visão

hegemônica sobre uma relação sexual reprodutiva para definir papéis/ posições sexuais.

Nesse sentido, podemos afirmar que o dispositivo atual da sexualidade está pautado na premissa de formar seres que formatem suas vidas dentro de um modelo *naturalizado* de heterossexualidade.

Pensando os personagens aqui analisados, a primeira questão que poderia ser levantada é no que tange à questão das identificações sexuais de Nelson. Percebemos certa compatibilidade com aquilo que Hall (2009) expõe: nós não *somos*, mas sim nos *tornamos*. O personagem tem um trânsito no decorrer da novela. Ele se relaciona com um homem e com três mulheres, apesar desse fator não fazê-lo bissexual. Uma concepção interessante para isso poderia ser a de *entre-lugar* proposta por Bhabha (1998). Nelson, ao habitar diferentes espaços da sexualidade, dilui conceitos fixos de sujeito (sexual) e passa a visitar um espaço que nunca fora habitado naquele contexto de Caramirim.

Mas, não podemos deixar de criticar essa transgressão, pois ainda está pautada numa díade hetero/homo. E como bem afirma Butler, “a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe com as hegemonias heterossexual, reprodutiva, médico-jurídica” (BUTLER, 2003, p.41)

Outro aspecto que poderia ser tratado aqui é a vinculação dos personagens homossexuais à profissão de cabeleireiro e *personal-stylist*. É comum a vinculação de profissões relacionadas à beleza e à imagem aos homossexuais. Nas próprias telenovelas existe essa associação. Não queremos dizer aqui que não existe ou que são poucos os homossexuais que exercem essas profissões. A intenção é que se perceba que quando se quer vincular alguém à homossexualidade, são evocados símbolos que induzem ao espectador a essa percepção imediata. Além disso, o discurso reiterado disso provoca uma vinculação exclusiva de homossexuais masculinos às profissões que lidam com a beleza.

Resumo conclusivo e redutor sobre a representação dos homossexuais na sociedade:

Resultado 1: forte carga de estereótipos e outras características que contribuem para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 2: caracteriza os personagens com alguns elementos da comunidade *queer*, constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia;

Resultado 3: caracteriza os personagens dentro de um modelo heteronormativo que contribui para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 4: caracteriza os personagens dentro de um modelo heteronormativo, mas constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia.

Resultado 5: indica uma representação dúbia e produz dúvida sobre o tratamento dado.

Claramente, os personagens podem ser enquadrados no resultado 1 da pesquisa. O deboche e o acionamento de estereótipos foram facilmente percebidos no desenrolar da trama. Apesar de ser proposta uma relação homossexual entre Adamastor e Nelson, o assunto não foi debatido, os personagens viviam como se fossem dois amigos. Era uma relação asséptica, sem mostras de intimidade.

Analisando a inserção de Adamastor e Nelson na trama de *Três irmãs* é possível perceber que a homossexualidade de ambos foi colocada na novela para alavancar a audiência da novela. Em entrevista ao Jornal Extra, o autor Antonio Calmon afirmou que ambos “são personagens hilários exatamente como todos os outros. Não estou querendo dar exemplo nem ser didático. Pelo contrário, quero me divertir e divertir o público” (A CAPA, 2009). Percebemos que a intenção do autor não é a de discutir a homossexualidade, mas sim usar dela para obter audiência e provocar risos perversos.

Na mesma matéria de *A capa* – baseada na entrevista de Calmon ao Jornal Extra -, é deixada explícita a opinião do autor sobre o beijo gay na telenovela. “Calmon afirma que tem ‘consciência social’ e não mostrará um beijo gay na TV. ‘Sei o que pode e o que não pode na TV aberta’” (Ibidem). Não sabemos o que Calmon considera como “consciência social”. Ou seja, usar da imagem de homossexuais para aumentar índices de audiência é permitido, mas, problematizar a situação em que não-heterossexuais vivem na sociedade não pode?

Nesse sentido que é necessário questionar se de fato é interessante a representação da homossexualidade em telenovelas sem problematizá-la. Percebe-se pelas falas de Calmon que os personagens foram colocados na trama sem a pretensão de questionar os problemas sofridos pelos homossexuais. A sexualidade dos personagens, então, é tomada pelo autor como objeto de deboche e de estereotipia. Vemos o uso do abjeto para a produção de risos perversos e para conquistar a atenção da audiência heteronormativa. Colling ressalta em texto sobre os corpos homossexuais nas telenovelas globais

[...] que as telenovelas poderiam problematizar, a seu modo, as produções das abjeções. [...] quando uma das telenovelas apresentou

um corpo abjeto, ao contrário de problematizar, ela reforçou, produziu e usou da abjeção para produzir o riso perverso do telespectador para com o personagem. Por outro lado, ao apresentar corpos dentro da norma hegemônica, as telenovelas também reforçaram e produziram a abjeção, apesar de não usá-la diretamente em suas tramas. (COLLING, 2010 p. 13)

Dessa forma, os personagens pouco contribuem para o debate da homossexualidade na mídia brasileira.

Quanto aos risos perversos, acreditamos que seja prudente distingui-lo de outros tipos de riso. Paiva (2007) faz essa distinção em um texto que trata sobre a imagem homoerotismo no cinema. O autor afirma que

civilizadamente, teríamos que distinguir o riso cruel, o riso perverso, que humilha e devora os seus objetos de riso, que é preconceituoso e racista, do riso catártico, afirmativo e libertador, que aflora quando o ser humano aprende a rir de si próprio, de suas próprias dissonâncias e inadequações dentro dos padrões sociopolíticos dominantes. O riso dos gays no cinema é positivo também quando mostram cenas e discursos irônicos e inteligentes como sistemas de resposta ao absurdo da homofobia e do preconceito. (PAIVA, 2007, p. 10).

Assim, podemos afirmar que os personagens de *Três Irmãs* dão vazão a um riso que está mais vinculado a perversidade, a um certo grau de preconceito que atribui o homossexual a afetação a qualquer custo.

Devemos questionar também até que ponto a homossexualidade considerada estereotipada se torna debochada. Por que não são representados não-heterossexuais nas telenovelas que tem uma gestualidade *fechativa*, mas que necessariamente não precisam provocar risos perversos? Além disso, é necessário problematizar se os gays mais *afetados*, com gestualidade mais próxima do que se convencionou ser feminino, também não merecem espaço na mídia com um tratamento mais humanístico e sem um alto grau de perversidade e deboche.

Outro aspecto que pode ser percebido na representação da homossexualidade em *Três irmãs* é uma tendência, vista em outras novelas, com homossexuais caricatos que têm relações com mulheres. Isso pode ser visto, por exemplo, nas novelas *Desejos de mulher* e *A favorita*.

Em *Desejos de mulher*, o personagem Ariel – interpretado por José Wilker – é casado com uma mulher, de quem se separa para ficar com Tadeu – vivenciado por Otávio Muller. No decorrer da trama, ambos personagens começam a ser vinculados à imagem do gay caricato, baseado no humor debochado – em função da baixa audiência da novela.

A favorita traz isso com os personagens Orlandinho, Halley e Maria do Céu. Interpretados por Iran Malfitano, Cauã Reymon e Deborah Secco, respectivamente. O michê

Halley, após assumir publicamente que é gay, apesar de ser heterossexual, começa a ser alvo da paixão de Orladinho. O mauricinho que antes lutava e tinha relações com várias mulheres, passou a ser vinculado ao mundo da moda – explicitando que tinha *mudado* a sua sexualidade. Ao conhecer Maria do Céu, Orladinho passa a ter sentimentos por ela e começa a viver uma dualidade hetero/homo.

Ao analisar esse personagem, Sanches (2009, p. 17) afirmou que

a novela caminhou no sentido de reforçar os discursos dicotômicos sobre o gênero e a sexualidade. Portanto, a representação de Orladinho estava presa a esse discurso dualista entre ser hetero ou ser homo, excluindo completamente a existência de uma identidade sexual alternativa.

De forma comparativa com a novela *Três irmãs*, percebemos que as novelas trazem a homossexualidade estereotipada e acabam colocando os personagens em relações heterossexuais. Não sabemos, porém, se essas representações reiteradas evidenciam uma abordagem pautada no objetivo de mostrar que existem transgressões sexuais ou se isso é a vazão do pensamento de que se pode *curar* homossexuais ou que, no final das contas, a heterossexualidade é de fato um dado natural e, por isso, inerente à condição humana.

É preciso realizar um debate mais aprofundado sobre isso. Acreditamos a pesquisa do grupo CUS, ao final, poderá constatar o motivo pelo qual personagens estão sendo representados dessa forma.

Referências bibliográficas

A CAPA. Personagem de ‘Três Irmãs’ assume romance gay sem beijo. 28/01/2009. Disponível em <http://acapa.virgula.uol.com.br/site/noticia.asp?codigo=6984> . Acessado em 21 de fevereiro de 2010.

BENTO, Berenice. *Corpos e Próteses: dos limites discursivos do dimorfismo*. http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/B/Berenice_Bento_16.pdf . 2006. Acesso em 17 de julho de 2009.

BHABHA, Homi K. O compromisso com a teoria. In: O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, pp.151-172.

BUTLER. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLING, Leandro. *A heteronormatividade e a abjeção – Os corpos de personagens não-heterossexuais nas telenovelas da rede globo (1998 a 2008)*. Salvador, 2010.

COLLING, Leandro. Aquenda a metodologia! uma proposta a partir da análise de Avental todo sujo de ovo. *Bagoas: estudos gays - gêneros e sexualidades*, volume 2, número 2, Natal, 2007, EDUFRN, pp. 153-170.

_____. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. *Revista Gênero*, volume 8, número 1, segundo semestre de 2007, Niterói: EDUFF, pp. 207-222.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 103-130.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Tradução de Sonia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007.

MISKOLCI, Richard. *A teoria queer e a questão das diferenças*. In: 16 Congresso de Leitura do Brasil. (COLE), 2007, Campinas. No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las. Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, 2007. v. p. 1-19. Disponível em <www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf>. Acessado em: 25 de novembro de 2009.

MORENO, Antonio. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Niterói, EdUFF, 2001.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. *Imagens do homoerotismo masculino no cinema: um estudo de gênero, comunicação e sociedade*. Bagoas: estudos gays – gêneros e sexualidades, Volume I, número 1, julho dezembro de 2007, Natal, EDUFRN, p.231 a 248. Disponível em http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art11_paiva.pdf. Acessado em 12 de Março de 2010.

PERET, Luiz Eduardo Neves. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PRINS, Baukje, MEIJER, Irene Costera. *Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler*. In: *Revista Estudos Feministas*. Volume 10, número 1, Florianópolis, janeiro de 2002, pp. 155-167.

SANCHES, Julio Cesar. *Gay, bi ou hetero(normativo)? A homossexualidade masculina na novela A favorita*. Trabalho apresentado durante o V Encontro de Estudos Multidisciplinares de Cultura em Salvador. De 27 a 29 de maio de 2009. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19185.pdf>. Acessado em 21 de fevereiro de 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.73-101.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução: uma introdução conceitual*. In. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. (org.) Tomaz Tadeu da Silva. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009.